

Dr. Robert Vannoy, História do Antigo Testamento, Aula 25

© 2012, Dr. Robert Vannoy e Dr.

Pregando Narrativas Históricas – Gênesis 24

3. Os lapsos, ou fracassos, deficiências de Abraão

Estávamos discutindo sobre Abraão, e o número 3, em “Os lapsos, ou fracassos, deficiências de Abraão”, e eu tinha acabado de começar a fazer alguns comentários no final da hora de sexta-feira sobre Gênesis 16, Abraão e Hagar. E notamos que em Gênesis 16, porque ela permaneceu estéril e dez anos se passaram, Sara dá sua escrava egípcia Hagar a Abraão. Hagar concebe e dá à luz um filho, então o plano, em certo sentido, parece bem-sucedido. Mas você leu mais adiante no capítulo que isso injetou sérios problemas no relacionamento entre Sara e Hagar, bem como entre Sara e Abraão. Você lê o versículo 4 do capítulo 16, “ele entrou em Hagar, ela concebeu, quando ela viu que ela concebeu, sua senhora foi desprezada aos seus olhos”, e no versículo 6 você lê: “mas Abraão disse a Sara: 'Eis a tua a empregada está em suas mãos; faça com ela o que quiser. Quando Sara tratou-a duramente, ela fugiu de sua face.’” Então esses problemas foram introduzidos e descobrimos que o filho que nasceu de Hagar, Ismael, não seria o filho da promessa. No capítulo 17, versículo 20, Deus diz a Abraão: “Quanto a Ismael, eu te ouvi; eis que o tenho abençoado, e o farei frutificar, e o multiplicarei extraordinariamente; doze príncipes ele gerará, e dele farei uma grande nação. Mas a minha aliança estabelecerei com Isaque, que Sara vos dará à luz neste tempo determinado, no próximo ano. Portanto, em 17:21 é bastante explícito que a linha da promessa não é passar por Ismael via Hagar, mas por Isaque, que ainda nascerá de Sara. A genealogia de Ismael está registrada no capítulo 25, versículos 12-16, onde você lê: “estas são as gerações de Ismael, filho de Abraão, que Hagar, a egípcia, serva de Sara, deu a Abraão”. Então você pega a linha de Ismael. Mas isso, no que diz respeito às Escrituras, torna-se um desses becos sem saída .

A Palavra de Deus para Abraão

A linha contínua passará por Isaque, então você vê em Gênesis 25:17: “estas são as gerações de Isaque, filho de Abraão”. Essa é a linha narrativa que continua através de Gênesis. Agora, mais um comentário sobre isso. Vos diz em sua Teologia Bíblica de Abraão, “que Abrão não foi autorizado a fazer nada através de sua própria força ou recursos para cumprir a promessa que estava diante dele”. Então, nos eventos associados à vida de Abraão, acho que o que se destaca no material bíblico é que Deus está trabalhando e há um sobrenaturalismo estrito envolvido na entrega da promessa e no cumprimento da promessa que vem a Abraão. Os descendentes de Ismael se casaram; em Gênesis 28:9 você lê: “Então Esaú foi até Ismael, e tomou para as esposas que ele tinha Mahalath, filha de Ismael, filho de Abraão, irmã de Nebajoth , para ser sua esposa”. Então você obtém uma interconexão entre os descendentes de Ishamael e Esaú, e é a partir dessas pessoas que as nações árabes, eu acho, seriam rastreadas. E os midianitas? Os midianitas vêm da linhagem de Abraão através de uma esposa posterior, Quetura. Ele toma Keturah como esposa e várias pessoas estão listadas. Na primeira parte de Gênesis 25, versículo 4, você vê vários povos descendentes de Quetura, incluindo os midianitas. Então, está relacionado a Abraão e, claro, você tem os amonitas e os moabitas que vieram de Ló. Então você tem esses povos primos através dos israelitas, dos amonitas, dos moabitas, dos ismaelitas, dos midianitas e assim por diante, que remontam à família de Abraão por uma conexão ou outra.

4. O Significado de Abraão para Nós

a. Redentor = Significado Histórico

Tudo bem, o número 4 é: “O significado de Abraão para nós”. Eu não tenho nenhum subponto aí. O que quero fazer neste título é dar-lhes dois subpontos e depois discutir uma questão que considero de alguma importância no que diz respeito à forma como abordamos estas narrativas históricas, no que diz respeito ao significado, aos significados e afins. Portanto , sob este significado para nós, A. seria “significado histórico-redentor”. Acho que quando você olha para essas histórias sobre Abraão, você tem que manter esse significado histórico redentor em sua mente. Isto é importante

porque Abraão é a pessoa a quem Deus escolheu para fazer as suas promessas e para preparar o caminho, em última análise, para a vinda de Cristo. É Deus quem está trabalhando em e através de Abraão para realizar esse propósito redentor. Assim, em Abraão e na sua vida, vemos a obra de um Deus soberano, executando o seu plano redentor. Certamente aquela promessa dada em Gênesis 3:15, “a semente da mulher acabará por esmagar a serpente” é o ponto de partida e Abraão está na linha da realização dessa promessa. Deus é quem está trabalhando para redimir toda a humanidade para cumprir sua promessa a Adão e Eva em Gênesis 3:15. Portanto, essa é uma perspectiva histórica redentora, e acho importante ter isso em mente quando olhamos para as narrativas de Abraão.

b. Um significado exemplar ou ilustrativo

B. é: “Um significado exemplar ou ilustrativo”. Com isso quero dizer que Abraão pode ser visto como um grande exemplo de fé e fidelidade. Podemos olhar para Abraão como uma espécie de modelo, como um exemplo para nós e o Novo Testamento faz isso em Romanos 4, Hebreus 11 e Tiago 2. Abraão é dado como modelo ou exemplo de um homem de fé, alguém que em esse sentido podemos imitar. Ele provavelmente é usado nesse sentido tanto quanto qualquer outra figura do Antigo Testamento; provavelmente Abraão, Moisés, Davi seriam os indivíduos significativos nesse aspecto.

Perspectiva histórica redentora versus tipo ilustrativo em seções históricas

Mas penso que estas são duas coisas que devemos ter em mente no que diz respeito à inclinação ou ao significado – o significado histórico redentor e depois este significado ilustrativo ou exemplar. Agora, o que eu gostaria de fazer durante o resto desta sessão é falar sobre essas questões de uma forma mais geral. A perspectiva histórica redentora versus o tipo ilustrativo das seções históricas são as coisas que nos interessam neste curso sobre História do Antigo Testamento. Se você fosse pregar um sermão sobre um texto histórico nas seções históricas da Bíblia, teria que enfrentar a seguinte questão: como fazer isso? Qual é o significado deste texto histórico ou

narrativo? Qual é o significado para hoje? Certamente, quando queremos pregar sobre qualquer texto das Escrituras, queremos trazer à tona a mensagem que Deus colocou ali para o seu povo. Não queremos usar o texto como pretexto para as nossas próprias ideias; queremos pregar a palavra. Agora penso que todos concordaríamos que pregar sobre um texto histórico é mais do que simplesmente recontar a história bíblica. Em outras palavras, acho que a história bíblica deveria ser tratada de uma maneira diferente de, digamos, um curso como este, que é um curso de pesquisa bíblica ou uma aula de escola dominical onde você está basicamente interessado no conteúdo, recontando as histórias. A história bíblica deve ser tratada de maneira diferente do púlpito em um sermão.

Por exemplo, tome Gênesis 24, que é o capítulo que conta como Abraão arranhou uma esposa para Isaque quando enviou seu servo para a Mesopotâmia, e lá ele encontra essa garota no poço, e é claro que ele orou antecipadamente ao Senhor, aquele que saiu e lhe deu água e o gado também, seria esse e ela concorda em voltar. Rebekah volta e se casa com Isaac. Se você tomar aquele capítulo de Gênesis 24 como exemplo, um sermão sobre esse capítulo deveria fazer mais do que simplesmente recontar a narrativa. E acho que se você estiver preparando um sermão sobre essa passagem, terá que fazer a pergunta: Qual é a mensagem de Deus nessa história para o povo de Deus hoje? Não é uma pergunta simples de responder. É muito mais fácil perguntar do que responder. Se o pregador simplesmente contar à sua congregação como Isaque encontrou sua esposa, ou mais precisamente, como o servo de Abraão encontrou uma esposa para Isaque, acho que ele está aquém de sua tarefa. Tem mais do que isso aí.

Um professor holandês disse que pregar a partir do Antigo Testamento não é simplesmente recontar a história, não importa quão dramática e fascinantemente alguém possa ser capaz de fazer isso. Há alguns que são muito bons nisso, recontando a história de uma forma muito dramática. O Antigo Testamento realmente relata a história, mas nesta história nos leva a compreender o significado e o significado da revelação especial de Deus tal como foi dada ao seu povo. A história do Antigo Testamento profetiza ao mesmo tempo. Temos, em essência, uma pregação profética que tem muito a nos dizer

sobre as muitas necessidades e questões que temos em nossas próprias vidas. Então ele está dizendo que há mais ali do que simplesmente a história. Acho que concordaríamos que os textos históricos da Bíblia têm muito a nos dizer. A questão é: como chegamos a isso? Como chegamos à mensagem? É aí que surgem as dificuldades e não afirmo ter todas as soluções para as dificuldades, mas quero focar aqui no problema.

As histórias da Bíblia nos colocam em um contexto histórico totalmente diferente e em circunstâncias muito diferentes daquelas em que nos encontramos hoje. Esse é um dos problemas da pregação sobre um texto histórico do Antigo Testamento. Vivemos em uma época e contexto cultural totalmente diferentes. Como podemos entender a palavra de Deus para o nosso tempo e as nossas circunstâncias a partir dessas histórias antigas? O que deve ser feito é traduzir o que está nessas histórias, a mensagem que está contida, para a nossa situação. Eu não tenho um argumento com isso. Acho que está certo, mas ainda assim a questão é: como você faz isso?

Gênesis 24 usando uma abordagem alegórica

Ao longo dos séculos, vários métodos foram utilizados. Provavelmente o primeiro que poderia ser mencionado e certamente usado extensivamente na igreja primitiva é o método alegórico. O que esse método basicamente faz é espiritualizar as histórias da Bíblia, de modo que os fatos históricos em si não sejam realmente muito importantes. Mas eles se tornam portadores de verdades espirituais mais profundas, e é isso que é considerado importante. Agora, esse método tem uma longa história e foi seguido por muitos dos pais da igreja. Não é amplamente utilizado hoje. Ainda encontramos certas formas disso, mas não é algo amplamente utilizado hoje.

Deixe-me dar um exemplo desse método, utilizando novamente Gênesis 24 – a história do casamento de Isaque. Com o método alegórico, os fatos da história tornam-se portadores de verdades espirituais mais profundas. Alguns exemplos são os seguintes (e retirados de pessoas diferentes). Isaque se torna uma figura de Cristo que se casa com sua noiva, ou seja, a igreja, representada por Rebeca nesse tipo de simbolismo. O servo de Abraão – provavelmente Eliezer, embora não seja mencionado pelo nome – que

garantiu Rebeca para Isaque é o pregador que, ao proclamar a palavra de Deus, deve levar os membros da igreja a Cristo. A prática diária de Rebeca de ir ao poço para tirar água significa que a igreja deve viver diariamente tirando água do poço da palavra de Deus. Os camelos que não conseguem tirar água para si mesmos, mas devem receber água, são aqueles que não podem usar a palavra de Deus, mas devem ser instruídos nela. E Rebeca recebeu brincos e pulseiras de Eliezer, o que significa que a igreja deve ser adornada com as virtudes da paciência e da perseverança pela proclamação da palavra. Rebeca desmontou de seu camelo quando conheceu Isaque, o que significa que a igreja deve abandonar o pecado quando ela encontrar Cristo. Você percebe que a imagem pode mudar. Uma vez, os camelos representam aqueles que devem ser instruídos quanto à Palavra; da outra vez, são a imagem do pecado da qual o crente pode se separar. Não incomoda as pessoas com esse tipo de método. Outros veem no camelo a imagem da lei, pois Eliezer fez sua viagem com dez camelos, que poderiam representar os dez mandamentos. Assim como os camelos têm uma grande capacidade de água e quase nunca têm água suficiente, o mesmo acontece com a lei que nunca diz: “isso é suficiente”. O homem nunca poderá satisfazer as exigências da lei. Esse tipo de tratamento de um texto torna-o relevante, atualiza-o, mas claro que a questão básica é: é isso que o texto diz? Foi por isso que Deus nos contou a história de Abraão, Isaque e Rebeca? Há uma longa história desse método alegórico. Você sabe que na igreja primitiva esse método de pregação era comum.

A título de comentário sobre isso, penso que sorrimos para isso, embora o encontremos em formas menos radicais – talvez não tão radicais como alguns destes pontos que mencionei, mas encontramos isso hoje em dia de vez em quando. Acho que o que está claro é que esse tipo de abordagem não tem nada a ver com a exposição ou exegese das Escrituras, nada a ver com isso. É puramente eisogese, ou ler coisas nessas histórias. Através deste método, você pode fazer com que as Escrituras signifiquem ou digam quase qualquer coisa pelas diferentes analogias que são traçadas por diferentes expositores, mostrando que você pode obter mensagens totalmente diferentes do mesmo texto. Não creio que isso seja ouvir as Escrituras; é impor a mensagem às Escrituras,

meio que utilizar a história para transmitir uma mensagem que você recebeu de algum outro lugar. Os fatos da história deixam de ser importantes. A verdadeira mensagem torna-se a ideia espiritual por meio da analogia que é feita e imposta ao texto. Então acho que a verdadeira mensagem do texto está perdida ou obscurecida.

Agora, isso não quer dizer que não exista alegoria na Bíblia, porque existe. Mas acho que onde isso ocorre é bastante claro. A história da vinha do Senhor em Isaías 5:1-7 é um exemplo. A vinha é cultivada, tem uma sebe construída ao seu redor e representa Israel. Há vários deles em Ezequiel. Portanto, existem alegorias. Lá, você não está lidando com acontecimentos ou histórias históricas, mas certos fatos são apresentados em imagens ou figuras. E não creio que seja legítimo tratar as narrativas do Antigo Testamento simplesmente como alegorias.

Gênesis 24 usando a abordagem exemplar

Mas se não fizermos isso, para obtermos um significado para hoje, a questão ainda permanece. Como vamos fazer isso? Há alguns anos, na verdade, 5 anos após a Segunda Guerra Mundial, no final dos anos 40 e início dos anos 50, na Holanda, houve um grande debate nos círculos teológicos, em particular sobre a questão da homilética no que foi denominado pregação exemplarista versus pregação histórica redentora. A questão era: qual é a maneira correta de pregar? Pregamos a partir de uma perspectiva histórica redentora ou de uma perspectiva histórica exemplar? Agora, infelizmente, não acho que esses dois necessariamente devam ser colocados um contra o outro. Nesse debate, havia pessoas que defendiam um ou outro lado.

Mas a pregação exemplar era uma pregação em que as histórias da Bíblia eram proclamadas como exemplos de como hoje deveríamos ou não agir. Então o que acontece é que os pecados de várias personalidades do Antigo Testamento permanecem como advertências que não devemos seguir. Não deveríamos cair nos mesmos males que eles caíram. A fé, a vida de oração e as boas ações de muitos desses grandes santos do Antigo Testamento são-nos apresentadas como exemplos que devemos seguir. Portanto,

a pregação exemplarista basicamente segue este padrão: faça como este fez ou não faça como aquele fez.

Agora volte para Gênesis 24 novamente e veja isso como um exemplo de uso exemplar dessa passagem. Abraão deseja uma esposa para seu filho Isaque e não quer que Isaque tome uma esposa entre as filhas dos cananeus pagãos. Ele quer que ele tenha uma esposa de sua própria família em Harã, onde a adoração ao Senhor é conhecida. Então ele enviou seu servo a Harã para encontrar uma esposa. A abordagem exemplarista diria que os pais de hoje também devem tomar cuidado para que seus filhos não se casem com pessoas ou meninas do mundo, mas sim com outros crentes. Claro que isso é importante. Dependendo de como você interpreta a passagem de Gênesis 6:1-4, alguns acham que a questão ali é um exemplo da maldade da época, vista no casamento misto – o casamento piedoso com o ímpio.

Mas Abraão estava preocupado com isso? Agora, se alguém objetar que na cultura da época de Abraão a palavra dos pais sobre o casamento era algo comum e que hoje vivemos em uma cultura diferente e os pais têm pouco ou nada a dizer sobre com quem seus filhos se casam, então você poderia responder que talvez nosso sistema não está certo. Talvez os resultados do nosso sistema ilustrem o problema, talvez os pais devessem fazer mais. Não temos a obrigação de fazer como Abraão fez?

A outra coisa que alguns diriam sobre Gênesis 24 é a questão da oração. O servo vai a Harã e ora pela orientação de Deus. Ele diz: “Ó Senhor Deus de meu mestre Abraão, eu oro, envie-me boa velocidade neste dia, e mostre bondade para com meu mestre Abraão”, e então ele pede um sinal, “que a menina venha até a água e faz esta determinada coisa que será aquela que você escolheu.” A menina vem e tira água para ele e seu gado e então seria dito que procurar um parceiro para a vida deveria ser uma questão de oração. O servo orou e nós devemos fazer o mesmo, inclusive as orações dos pais pelos filhos. Não vejo nada necessariamente errado nisso, certamente é um bom princípio, mas é isso que o texto nos diz?

Em Gênesis 24, algumas pessoas podem ir além e dizer que a disposição de Rebeca não apenas em dar de beber ao servo de Abraão, mas também aos camelos, nos

ensina que nossas filhas devem desejar ser boas esposas e mães. Eles devem viver não apenas para si mesmos, mas com serviço alegre e entregar-se aos outros. Veja, você obtém um princípio de conduta pela maneira como Rebekah se comportou naquele contexto. Na história do casamento de Isaque você pode encontrar muitas lições ou exemplos que pode tirar da história. Podemos então adotá-los em nossa própria prática de piedade.

Objeção Arbitrária

Agora, contra esse tipo de tratamento, se você deixar o tratamento do texto nesse ponto, várias objeções foram feitas e isso resulta do debate entre o tipo de abordagem histórica exemplarista versus redentora. Em primeiro lugar, há algo de arbitrário nessa abordagem. A questão é: o que vocês tomam como exemplo para nós e o que vocês não tomam como exemplo para nós? Alguém poderia dizer, em conexão com Gênesis 24, que um rapaz ou moça hoje deveria pedir um sinal do Senhor para saber se o rapaz ou moça que ele conhece é ou não pretendido pelo Senhor para ser seu parceiro. Essa seção do capítulo também pretende ser um exemplo para nós hoje? É assim que você escolhe um parceiro, ora ao Senhor e depois deixa a pessoa que vem e faz o que quer que seja, esse é o escolhido de Deus? Você tem uma diferença de opinião, alguns hoje não veriam nenhum problema com isso como procedimento, mas outros diriam enfaticamente que pedir esse tipo de revelação especial agora que possuímos a revelação de Deus na Bíblia não é apropriado – é presunçoso. O cânon está fechado e a revelação cessou. A revelação acompanha a redenção; não é um tipo de coisa individualista. Mas o que estou tentando enfatizar não é tanto essa questão – vocês mesmos podem lidar com essa questão – mas como decidimos o que usar como exemplar e o que não usar? Usamos isso em um sentido positivo ou negativo? Como decidimos isso? Portanto, há algo de arbitrário nesse tipo de mensagem se você deixar por isso mesmo.

Objeção antropocêntrica

A segunda coisa sobre esse tipo de método é que ele tende a ser antropocêntrico. É muito fácil pregar o que fazer e o que não fazer. Existe o perigo do legalismo e do moralismo, de moralizar esse tipo de coisa num sermão que se concentra apenas nesse aspecto do texto. Você então se avalia constantemente por vários personagens bíblicos: Abraão, Jacó, Pedro e Maria. Você os coloca como exemplos que devem ser seguidos ou não. Agora, a objeção, parece-me, não é que isso seja errado em si mesmo – há um lugar para isso – mas se isso é tudo que você faz, a objeção é que, dessa forma, o próprio Deus e suas grandes obras podem não entrar suficientemente em ação. É antropocêntrico. Você tem que lembrar que essas histórias envolvem pessoas, mas Deus está trabalhando nessas histórias. Você não quer perder essa perspectiva, essa é a perspectiva histórica redentora. Mas se você tratar as passagens de maneira exemplar, é possível que a congregação não veja nada de Deus em suas obras e atos poderosos em favor de seu povo. É disso que tratam as histórias da Bíblia. Não é tanto o que Abraão, Isaque ou qualquer outra pessoa fez, mas o que Deus fez e ainda faz que é o mais importante na história bíblica porque é a história da redenção.

Gênesis 24 Usando a Pregação Histórico-Redentiva

Agora, por essa razão, em oposição ao que é chamado de tipo exemplar de pregação, alguns têm defendido a pregação histórica redentora. Trata-se de uma pregação que procura antes de mais sublinhar o lugar que os acontecimentos registrados na Bíblia ocupam na história da revelação da redenção. Qual é o lugar que esta história ocupa nesse progresso da revelação? Agora, é claro, na história da revelação e da redenção você encontra o que algumas pessoas fazem ou deixam de fazer. A história basicamente é um registro do que o homem fez ou não, mas na história bíblica há mais do que apenas o que os homens fazem, porque na história bíblica você também é confrontado com a história de Deus. Deus está trabalhando. É uma história dos seus atos, e os seus atos tornam-se visíveis na história do homem. É uma história que aponta para a vinda de Cristo. Acho que a congregação deveria ver essa história quando encontra um texto histórico da Bíblia, porque a partir das histórias bíblicas o povo de

Deus aprende a entender quem é Deus, o que ele prometeu, o que ele fez e como ele lida com as pessoas. É nessa história que reside a base da fé do povo de Deus em todas as épocas. Nossa fé está enraizada nessa história. Portanto, aqui nesta história reside a fonte da vida para o povo de Deus, não em legalismos ou moralismos .

Agora voltemos a Gênesis 24, com a abordagem histórica redentora. Creio que diríamos que na história do casamento de Isaque, devemos antes de tudo ver o que Deus faz. Porque nesta história vemos que Deus está cumprindo sua promessa a Abraão e Isaque, de que eles seriam ancestrais de um grande povo através do qual todos os povos da terra seriam abençoados. Isso aponta para a vinda de Cristo ao mundo. Agora, é claro, isso não acontece sem a fé e a oração dos homens. Vemos a fé de Abraão e a oração de seu servo e tudo isso, mas acima de tudo, parece-me que devemos ver Deus trabalhando no cumprimento de suas promessas em Gênesis 24. Não devemos ver principalmente Abraão , o servo, Rebekah ou qualquer outra pessoa. Devemos ver Deus trabalhando e o casamento como uma pequena parte da obra poderosa de Deus neste mundo. O facto de ele incorporar o homem nessa obra, o facto de ele usar o homem, de ele renovar o homem e, em última análise, ter em vista a salvação do homem, é algo que humilha e que dá motivos para louvar a Deus. Parece-me que ver Deus trabalhando na história é uma fonte de grande conforto e encorajamento para o povo de Deus, só esse fato. Isso não é insignificante. O conhecimento de que ele ainda usa o homem e que une os casamentos, que mantém a sua aliança agora como fez então, pode incitar-nos a servir a Deus em obediência e fé. Portanto, não recebemos apenas exemplos na Bíblia; nessas histórias temos uma revelação do próprio Deus, quem ele é e como funciona. Este é o Deus que ainda hoje está envolvido em nossas vidas em todos os detalhes.

Pregação histórica exemplar e redentora

Ora, não creio que seja necessário ver um conflito ou contradição entre a pregação histórica exemplar e a redentora. Recebemos claramente exemplos na Bíblia. Acho que o problema é que muitas vezes, especialmente neste país, o exemplarismo é separado da perspectiva histórica redentora e você recebe mensagens nas histórias do

Antigo Testamento que são puramente moralistas ou exemplaristas , sem nenhuma tentativa de vinculá-las à grande obra da revelação da redenção de Deus. .

Problema da unidade a partir de uma abordagem exclusivamente exemplar

Ora, a fraqueza desse método exclusivamente exemplarista ou ilustrativo é que ele tende a reduzir a história bíblica a numerosas pequenas histórias independentes. E cada uma destas histórias pode ser tomada como exemplo para nós, mas pouca ou nenhuma atenção é dada ao lugar ou função do evento no movimento contínuo da história redentora. Isso tende a isolar cada pequena história.

Penso que as narrativas históricas bíblicas devem ser vistas em relação umas com as outras e na sua unidade dentro da história da redenção que, em última análise, chega a Cristo. Agora, isso não significa que aqueles que tratam a Bíblia de forma exemplar não considerem Cristo como o ponto central da história bíblica – eles consideram – mas a questão é que no seu método de pregação, isso não se torna aparente. Por outro lado, uma pessoa que trabalha a partir de uma perspectiva histórica redentora não precisa negar que muitos eventos da história bíblica foram registrados para o nosso exemplo. Mas então a pessoa da perspectiva histórica redentora está preocupada com as questões de por quê? como? e, em que sentido? Podem ser um exemplo, mas isso tem que estar relacionado com a perspectiva histórica redentora.

Eu relacionaria isso apenas para voltar a Gênesis 24, àquele sinal que você vê na perspectiva histórica redentora. Na minha própria perspectiva, a validade contínua dessa abordagem cessou com a conclusão espiritual do cânon. Naquela época não tínhamos cânon das Escrituras, e o sinal tinha uma função diferente. Mas a questão é que penso que deveríamos tratar estas histórias como história real, e não como parábolas para ilustrar alguma verdade.

A Relação das Seções Doutrinárias das Escrituras com as Seções Históricas

Isso traz à tona outro aspecto de toda essa discussão, sobre o qual acho que vale a pena refletir por um minuto. Essa é a relação das seções doutrinárias das Escrituras com

as seções históricas. Acho que se você refletir um pouco sobre isso, concluirá que o doutrinário repousa no histórico e não o contrário. Em outras palavras, na Bíblia, a história é fundamental para a doutrina. Agora, se você realmente compreender isso, não poderá encarar a história como meramente ilustrativa. Pode ser ilustrativo, mas é muito mais que isso. A história não apenas ilustra a doutrina, ela fornece uma base para a doutrina.

Se considerarmos as seções históricas da Bíblia como ilustrativas, então realmente não importa se o evento ocorreu ou não. Pense sobre isso. Uma parábola ou uma alegoria podem transmitir a mesma mensagem. Se você considerar a história bíblica simplesmente como ilustrativa, poderá concordar com SR Driver, que era da escola crítica de Wellhausen, quando diz: “Quanto dessas narrativas são estritamente históricas, quanto é devido a fantasias ou embelezamentos populares, não podemos digamos, mas a importância e o significado real das narrativas residem nos tipos de caráter que elas exibem e nas lições morais e espirituais. Se são estritamente históricos ou não, pode-se deduzir disso.” Os patriarcas são exemplos de fé e bondade e também, por vezes, de indignidade e fracasso. Veja bem, para alguém como Driver, essas coisas nunca aconteceram, mas isso não faz nenhuma diferença para ele. Nessas histórias podemos encontrar boas ilustrações e bons ou maus exemplos conforme o caso. Agora, para Driver, se essas histórias contam ou não algo que realmente aconteceu no desenrolar da história redentora, não tem consequências. Ele está preocupado apenas com as lições religiosas ou morais. Ele perdeu a perspectiva do papel e da função desses eventos na história da redenção. Essas coisas são importantes e aconteceram e fazem parte deste plano de desdobramento da redenção da revelação de Deus. Mas você vê que a fé de Driver não está enraizada na história. A história para as pessoas da perspectiva de Driver não tem importância; nossa fé é.

Reflexões adicionais sobre a pregação de textos históricos

Veja a pregação de Pedro e Paulo. O que eles fizeram? Basicamente, eles recontaram os atos ocorridos no decorrer da história da redenção. Eles voltaram e

traçaram a linha da promessa através do Antigo Testamento. Precisamos ver como Deus está trabalhando de forma reveladora e redentora nos eventos registrados na Bíblia. Se você pretende apenas aprender, você pode pregar a partir das fábulas de Esopo e apresentar um argumento igualmente válido em muitos casos. Agora, novamente, isso não nega que uma certa doutrina ou verdade possa ser ilustrada a partir de um relato histórico. Um sermão sobre Tiago 1:6, “Aquele que duvida é como a onda do mar”, pode ser ilustrado por uma história sobre Tomé em João 20, quando ele duvida. Você certamente pode fazer isso legitimamente. Mas se você procurar uma ilustração como essa, não precisa se limitar à Bíblia. Você pode procurar na história da igreja e encontrar outras ilustrações igualmente válidas. Então você pode ilustrar um texto doutrinário com um texto histórico. Mas se você escolher um texto histórico ou sermão para pregar, parece-me que você deve tomá-lo em sua integridade, em seu contexto na história da redenção, e tentar extrair o significado dessa perspectiva. Portanto, não é apenas ilustrativo, embora possa ser ilustrativo. Está intrinsecamente relacionado, de alguma forma, ao progresso da redenção da revelação.

Ok, esse foi um discurso meio longo. Eu queria abordar isso em algum lugar porque acho que é importante refletir sobre algumas dessas questões a respeito de como devemos extrair relevância dessas narrativas históricas hoje. Com essa perspectiva histórica redentora que você vê em Abraão, acho que está bastante claro. Com algumas outras narrativas do Antigo Testamento, não é tão claro e em algumas parece bastante obscuro. Você realmente terá que se esforçar para ver como isso se encaixa, como isso se encaixa, e você pode ou não encontrar uma maneira de fazer isso. Eu apenas mencionaria que se você começar a procurar comentários e materiais publicados, há muito pouco que o ajude nesse tipo de perspectiva histórica redentora. A maior parte está em outras direções, no tipo de perspectiva ilustrativa e exemplarista, especialmente nos livros de homilética. Eles estão cheios do tipo de perspectiva ilustrativa e exemplarista, e muito pouco da abordagem histórica redentora.

Penso que a forma como se torna ilustrativa ou exemplarista tem sempre de ser colocada neste contexto da função histórica redentora, porque caso contrário é muito

difícil não ser arbitrário na forma como se utiliza a função ilustrativa. Certamente é legítimo e há vários textos que ensinam isso, mas não posso lhe dar o capítulo ou versículo. Alguma outra pergunta ou comentário?

Ok, acho que vou parar por hoje. E continuaremos amanhã com Isaac maiúsculo.

Transcrito por Diane Tarr

Editado por Ted Hildebrandt

Edição final por Emily MacAdam

Renarrado por Ted Hildebrandt